

O verão de 92

As minhas férias, composição: 10/03/1992

Nas férias eu fui quase todos os dias **(1)**____. Mamãe não gosta **(2)**____ desde que um parente dela foi dar um mergulho e se dissolveu na água. Meu pai diz que é bobagem, que é só a gente prestar atenção nas bandeiras. Bandeira branca é quando o mar está cheio de detergente. Não há perigo. É só a gente não chegar muito perto da espuma superativada. No ano passado o meu irmão menor, o Tuca, brincou muito com a espuma e está até hoje com uma estranha luminosidade. Dentro de casa, não dá para ver bem, mas, quando a gente faz o teste da janela com o Tuca, ele brilha **(3)**____. Mamãe sempre grita para a gente ter cuidado para não largar o Tuca da janela do apartamento, mas ele gosta. Bandeira amarela é arsênico. Dizem que também não tem muito perigo, contanto que a gente não abra **(4)**____ embaixo da água. Mas no último campeonato de surf que fizeram no arpoador com bandeira amarela, quando os competidores ficam de pé na prancha não tinham mais o calção e quando chegavam na praia não tinham mais a prancha. E a parafina do cabelo ficava verde e o cabelo começava a cair. O que dava de gatão escaldado! Bandeira vermelha é mercúrio. Também não é perigoso, mas a pessoa deve ficar em observação durante 24 horas depois de sair **(5)**____. Se as unhas começarem a encolher, deve-se chamar **(6)**____. Bandeira preta é óleo na água. Isto é o mais comum. É chato porque suja, mas também não tem muito perigo. Até hoje só houve três ou quatro casos de pessoas que ficaram tomando sol depois de um mergulho no mar cheio de óleo e se incendiaram. Bandeira preta esfarrapada é perigoso. Nesse é a onda que fura **(7)**____. Neste verão eu inventei de testar a água num dia de bandeira preta e é por isso que estou com o pé enfaixado. Sinto uma falta do dedão...

Mas a praia continua uma beleza, depois que a gente se acostuma **(8)**____. Mesmo quando não dá para entrar na água e sair inteiro há muita coisa

para fazer. Castelo de farelo de carcaça, por exemplo. Ou escalar cadáver de baleia. Em alguns trechos a gente enxerga areia por baixo de marisco podre. Papai diz que antigamente a praia era só areia, mas não dá para confiar muito nele. Ele também diz que o mar era verde e que peixe se comia.

Joguei **(9)**____ na praia antes de perder o dedão. Era difícil formar os times porque ninguém queria jogar na ponta e pegar um respingo no olho e ficar cego. O chão de osso de peixe rala o joelho da gente e, quando a bola caía na água, explode **(10)**____. Mas foi ótimo. Apesar de tudo, ainda tem gente que nada até a rebentação. É muito arriscado. O perigo não é o afogamento, é respirar o vapor que sobe da água. Banhista não entra mais no mar para salvar ninguém. Salva por megafone. Fica gritando “Vem! Vem!” e, quando o afogado chega na praia e o banhista vai fazer respiração artificial, não junta mais muita gente como antigamente. Agora todo mundo sai de perto porque pode esguichar.

Teve um dia que uma fileira de caranguejos saiu de dentro da água, andando de lado e meio cambaleando. Dizem que o da frente trazia uma bandeira branca, mas isto deve ser invenção. O cheiro do mar era tão forte que um dia abateu aqueles aviões que passam com faixa de propaganda. O piloto saltou de paraquedas sobre a água, mas o paraquedas, em vez de descer **(11)**____ subiu **(12)**____. Um dia foi uma grande sensação. Apareceu uma gaivota. Todo mundo correu para ver. Eu só conhecia gaivota de ouvir falar. A gaivota rodou, rodou e, de repente, mergulhou na água. Quando apareceu outra vez tinha um peixe preso no bico. Mas logo cuspiu o peixe fora e disse - deu para ouvir direitinho, da praia - “pshaft!” Depois voou pra longe. Todo mundo riu **(13)**____. Mas não muito.

Luís Fernando Verissimo (1978)